

## Sugestão de leitura - Biblioteca Amorim Lima

### Obra completa de Lygia Bojunga

Lygia Bojunga não é uma escritora qualquer. Com seu livro de estreia *Os Colegas*, levou para casa o Jabuti, o mais tradicional prêmio literário brasileiro. Isso em 1973. Dez anos mais tarde, tornou-se a primeira autora latino-americana (seguida de Ana Maria Machado) a ganhar o Hans Christian Andersen, considerado o Nobel de literatura para crianças e jovens. Até que veio a cereja do bolo. Em 2004, a gaúcha nascida em Pelotas recebeu o Astrid Lindgren Memorial Award, criado pelo governo da Suécia após a morte, em 2002, da autora de *Pippi Meialonga*. É hoje o maior prêmio de literatura infanto-juvenil do mundo. A obra de Lygia, que soma mais de 20 livros publicados e traduzidos para diversos idiomas, foi comparada, na ocasião, aos clássicos de Hans Christian Andersen (autor de *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia* e *O Soldadinho de Chumbo*) e da própria Astrid Lindgren.

A importância do trabalho de Lygia deve-se, em grande parte, à sinceridade e coragem da narradora. Quando escreve, Lygia não tem receio de tratar de questões caras à infância, como a fantasia da perda e do abandono, o medo da solidão e espanto diante da morte. Também não esconde suas indignações contra a ordem do mundo, fazendo críticas severas ao consumismo, ao sistema de ensino, ao tolhimento da liberdade de expressão e a todo tipo de preconceito.

Em *Corda Bamba*, por exemplo, Maria assiste à morte trágica de seus pais, equilibristas em um circo. É enviada à casa da avó, uma rica senhora, que está no terceiro casamento. A mesma avó que, no aniversário de sete anos da menina, prepara uma festa recheada de doces, salgadinhos, refrigerantes e um bolo alto, “todo enfeitado de florzinha e amêndoas, uma beleza!”. Mas não há um único convidado. E mais: Maria ganha de presente uma caixa enorme, na qual foi empacotada uma pobre e velha senhora que sabe contar histórias como ninguém.

Em *A Casa da Madrinha*, Alexandre é um menino pobre do Rio de Janeiro que precisa deixar a escola para trabalhar. Nas noites, para fazê-lo esquecer a fome e dormir, seu irmão inventa histórias. Uma delas é sobre a casa de uma suposta madrinha, que fica em cima de um morro florido e onde há um armário que sempre oferece comida, outro que

oferece roupas, uma cadeira com vontade própria e um relógio que batuca. E para lá que um dia Alexandre se manda sozinho. No meio do caminho, encontra um pavão que, por ser muito inteligente e não querer se submeter às ordens de seus donos, é mandado à Escola Osarta do Pensamento, saindo de lá com um filtro na cabeça que controla seus pensamentos.

Em *A Bolsa Amarela*, a menina Raquel, a caçula da família, para espantar a solidão e viver suas fantasias, escreve para seus amigos imaginários. Até que sobra para ela, do pacote de roupas e objetos usados e doados pela rica tia Brunilda, uma bolsa amarela. E lá que a menina guarda três de suas maiores vontades: crescer, ter nascido garoto e se tornar escritora.

Mas o que torna Lygia uma autora especialmente original é sua habilidade para abordar temas densos como se jogasse conversa fora e sensibilidade para criar metáforas cativantes. Unindo a linguagem coloquial (ligeira e cheia de ritmo) à leveza poética e ao humor absurdo, a escritora constrói um universo simbólico fora do comum. Ela é tão boa nisso, que, em certas passagens de seus livros, parece que uma fenda se abre no universo do leitor, que é transportado para um reino muito peculiar, o reino da fantasia e do imaginário.

Como quando Alexandre, em seu trajeto para a casa da madrinha, cansado de tanto andar e sem conseguir carona, é surpreendido por um nevoeiro no meio da estrada. “Um nevoeiro maroto, que adorava meter medo. De longe ele viu Alexandre sentado e veio vindo por trás sem fazer barulho nenhum. A névoa era que nem fumaça grossa: era só ela passar que ia sumindo tudo”. “Foi quando o sol fez um rasgão na névoa, entrou e foi empurrando o nevoeiro, até o céu ficar azul”, que o menino encontrou seu companheiro de viagem, o pavão.

Ou quando Maria estica sua corda bamba da janela de seu quarto, no prédio em que mora com a avó, até a janela do apartamento vazio em frente. A janela “diferente das outras todas”, que por longos dias ela tanto observou em silêncio. Nas alturas, Maria se equilibra com andorinhas atrás de si, como se atravessasse um oceano. Ao pular janela adentro, encontra um corredor com várias portas, onde estão guardadas suas lembranças esquecidas.

E tem o momento em que Vítor, o tatu que se apaixona pela gata angorá Dalva em *O Sofá Estampado*, nervoso pelo descaso de sua amada que só pensa em ver televisão,

passa a cavar o sofá. Cava até gastar toda a força e muita mágoa. Cava tão fundo que acaba dando no tempo em que era tatu-criança.

A organização do Astrid Lindgren acertou em cheio ao comunicar que “Lygia Bojunga dissolve facilmente as fronteiras entre a fantasia e a realidade com a alegria e a tranquilidade de uma brincadeira infantil”.

### **Os livros de Lygia Bojunga**

*Os Colegas*

*Angélica*

*A Bolsa Amarela*

*A Casa da Madrinha*

*Corda Bamba*

*O Sofá Estampado*

*Tchau*

*O Meu Amigo Pintor*

*Nós Três*

*Livro, um Encontro*

*Fazendo Ana Paz*

*Paisagem*

*Seis Vezes Lucas*

*O Abraço*

*Feito à Mão*

*A Cama*

*O Rio e Eu*

*Retratos de Carolina*

*Aula de Inglês*

*Sapato de Salto*

*Dos vinte 1*

*Querida*

*Intramuros*